

**ONOMÁSTICA E MUDANÇA LINGUÍSTICA:  
UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA TOPONÍMICA DA  
MICRORREGIÃO DE ARAPIRACA**

*Pedro Antônio Gomes de Melo (UFAL)*  
[petrus2007@ibest.com.br](mailto:petrus2007@ibest.com.br)

**RESUMO**

O presente artigo objetivou uma investigação sobre a dinâmica toponímica nos nomes identificadores dos municípios da microrregião de Arapiraca, localizada na mesorregião do Agreste Alagoano, procurando compreender o processo de mudança linguística – em particular a mudança toponímica – no léxico onomástico-toponímico municipal de Alagoas sob à luz das pesquisas onomásticas em diálogo com sociolinguística laboviana. Após as análises dos dados, ficou demonstrado que a estrutura morfossintática formada por elementos específicos compostos e o étimo latino são os mecanismos lexicais mais produtivos na constituição das bases dos topônimos. E ainda, a mudança por substituição sistemática se revelou a mais produtiva no processo de mudança linguística, sendo os traços sociais da emancipação político-administrativa das localidades e presença marcante da Igreja Católica os fatores condicionantes às mudanças toponímicas detectadas.

**Palavras-chave:** Mudança linguística. Onomástica. Topônimo.

**1. Considerações iniciais**

Língua e sociedade se encontram sempre em processo de construção; logo, quaisquer signos linguísticos assim como os nomes de lugares (topônimos) estão sujeitos à manutenção, variação e mudança ao longo do tempo.

Sob esse olhar, propomos refletir sobre a mudança lexical nos designativos municipais da microrregião de Arapiraca, localizada na mesorregião do Agreste Alagoano, procurando compreender os processos de constituição e mudança toponímica do léxico onomástico-toponímico municipal alagoano por meio de um recorte de um grupo social em Alagoas.

A toponímia corresponde a um *corpus* lexical vivo e funcional que se atualiza continuamente no léxico, ao ser utilizado pelos falantes, em todas as situações da fala, tornando-se passível de mudanças. Daí, os estudos toponomásticos viabilizam a compreensão de traços linguísticos e do homem denominador e, conseqüentemente, permite a percepção de vestígios das contribuições relativas aos aspectos do meio físico e socio-

cultural em que os topônimos foram gerados e suas transformações ao longo do tempo.

No dizer de Souza (2007)

Considerando-se o nome próprio [de lugar] como fato de uma língua (como um signo linguístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antropoculturais), o estudo toponomástico servirá como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, por que passaram os povos que habitaram temporária ou definitivamente a região pesquisada. (SOUZA, 2007, p. 36)

Assim, o acervo lexical de uma dada sociedade reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia. Logo, quando se nomeia lugares de forma primitiva e/ou quando se muda estas denominações ao longo do tempo, diferentes fatores podem motivar na escolha e/ou na mudança do topônimo, tanto de ordem físico-ambiental quanto na ordem antropocultural.

O percurso metodológico utilizado se constituiu das seguintes etapas: após levantamento dos topônimos da referida microrregião alagoana junto ao banco de dados do IBGE, investigamos a origem, a formação e as mudanças linguísticas ocorridas ao passar do tempo nestes designativos de municípios em Alagoas, com o escopo de desvendar o que levou a denominação e, por conseguinte, a mudança na referência onomasiológica.

No que diz respeito à tipologia da mudança toponímica, utilizamos a categorização apresentada por Dauzat (1926). Conforme esse autor, há dois tipos de mudanças: as substituições e as transformações. Nas primeiras ocorre troca de um topônimo por outro; nas segundas, ocorrem alterações no mesmo topônimo, no decorrer dos tempos. E ainda, para classificação taxionômica das motivações toponímicas, adotamos o modelo teórico apresentado por Dick (1990), no qual a citada pesquisadora apresenta uma categorização para os topônimos, contemplando 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) relacionadas com o ambiente físico – taxionomias de natureza física –, e 16 (dezesesseis) relacionadas com os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem o homem – taxionomias de natureza antropocultural.

Acreditamos que essa investigação constituirá num resgate linguocultural dessa microrregião do Estado, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida desta sociedade em virtude dos topônimos adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear.

## **2. Situando a pesquisa**

Nesta seção, buscaremos apresentar algumas características do estado de Alagoas, enfatizando a mesorregião do Agreste Alagoano e a microrregião de Arapiraca, com a finalidade de situarmos o universo do grupo social do qual a pesquisa está inserida.

### **2.1. Microrregião de Arapiraca**

Agreste (do latim *ager*: relativo ao campo, agricultor) designa uma área na Região Nordeste do Brasil de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, que se estende por uma vasta área dos estados brasileiros da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. A área ocupada pelo Agreste se situa numa estreita faixa, paralela à costa. Possui como características principais: solos profundos, com relevo extremamente variável, associados a solos rasos, solos relativamente férteis, vegetação variável com predominância de vegetação caducifólia (decídua).

O território do Agreste Alagoano possui uma área de 5.271 km<sup>2</sup> que corresponde a aproximadamente 19% da área do Estado de Alagoas, que é de 27.793,343 km<sup>2</sup>, segundo dados do IBGE. Está localizada na área central do estado de Alagoas. Por estar entre o sertão e a mata atlântica, apresenta características das duas regiões e é formada por três microrregiões: microrregião de Palmeira dos Índios, microrregião de Arapiraca e microrregião de Traipu. (IBGE, 2014).

A mesorregião do Agreste Alagoano tem uma economia baseada no comércio e na agricultura, desenvolve criação de caprinos e bovinos. Nos últimos anos, vem recebendo investimentos de pequenas represas, para conter a água que cai da chuva, ajudando assim no consumo e nas plantações familiares. Os principais produtos agrícolas desta mesorregião são o feijão e a mandioca.

A identidade territorial está caracterizada por sua história, pela mesma região fisiográfica, pela estrutura fundiária semelhante (com predominância da pequena propriedade), pela economia baseada na agricultura de subsistência (milho, feijão, inhame, batata-doce), como também, na agricultura de mercado (fumo, algodão, mandioca) e na pecuária (bovino de corte e de leite, ovinocultura). Nesta mesorregião, são encontrados minerais como amianto, argila, calcário e ferro. Possui solo essencialmente pedregoso, rios intermitentes (temporários) e vegetação rala de

tamanho pequeno (mirtáceas, combretáceas, leguminosas e cactáceas). Tecnicamente, o agreste junto ao sertão compõe o ecossistema denominado caatinga.

## **2.2. A microrregião de Arapiraca**

Arapiraca é um termo de origem tupi: *ara* quer dizer periquito ou arara; *pira* pode ser traduzido como pousa; e *aca* significa ramo de árvore. Trata-se de uma espécie de angico branco, da família das mimosáceas (leguminosas), muito comum no agreste e no sertão.

A microrregião de Arapiraca está localizada na mesorregião do Agreste Alagoano, no estado de Alagoas; a sua economia está baseada, principalmente, na plantação de fumo.

Na região fumageira, existem mais de 30 mil estabelecimentos agrícolas, dos quais cerca de 10 mil são ocupados por famílias de pequenos produtores rurais. Essa produção é consorciada entre as culturas comerciais mais rentáveis e as lavouras de subsistência, o que explicaria a existência dessa área de predomínio da pequena produção familiar na região. Desde a década de 1990, a cultura do fumo vem diminuindo sua produção. As causas do declínio estão no preço internacional do fumo negro e nos altos custos de produção.

A microrregião de Arapiraca é constituída por 10 municípios, a saber: (1) Arapiraca, (2) Campo Grande, (3) Coité do Noia, (4) Craíbas, (5) Feira Grande, (6) Girau do Ponciano, (7) Lagoa da Canoa, (8) Limoeiro de Anadia, (9) São Sebastião e (10) Taquarana.

## **3. A toponímia e a mudança linguística**

A toponímia, como ciência, surgiu no século XIX e se ocupa do estudo do signo toponímico, seus significados, sua formação, sua variação e mudança, como também sua importância para a língua e cultura social dos povos.

Trata-se de uma disciplina dinâmica e de caráter amplo, não só por não limitar a sua investigação aos aspectos linguísticos e à categorização dos nomes de lugar, mas ainda por se voltar para a investigação das motivações que impulsionaram o denominador no ato da nomeação.

Analisando o campo dos estudos toponímicos, Tavares & Isquerdo (2006) nos explicam que:

Na dimensão linguística, o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxas predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos. (TAVARES & ISQUERDO, 2006, p. 3)

Em virtude da amplitude dos estudos toponímicos, a toponímia se constitui em uma ciência de cruzamentos, ou seja, interliga várias áreas do conhecimento, propiciando diferentes perspectivas de análises. Nas palavras de Dorion (1984):

A toponímia, do mesmo modo que outras ciências humanas, se situa em uma dupla dimensão: a do *espaço* (denominada também “função toponímica”) e a do *tempo* (a “memória toponímica”). Em consequência, a toponímia tem uma relação essencial com a geografia (os nomes de lugar constituem o vocabulário próprio dessa ciência) e com a história (entendendo que os nomes são testemunho através do tempo, de uma forma determinada de relação entre o homem e o lugar). Por outro lado o nome de lugar é um signo linguístico e, como tal, interessa a semiologia. Assim mesmo é a expressão da percepção de um comportamento, pelo que implica a psicologia – sobretudo a psicologia social. Finalmente, a análise morfológica ou semântica do nome, tanto em sua origem como em sua evolução posterior são objeto de estudo da linguística e da psicolinguística, enquanto que a análise sintética ou sinóptica de grandes contingentes de nomes fica para o campo da sociolinguística e pode desembarcar nos estudos propriamente sociológicos. (DORION, 1984, p. 103)

Pelo supracitado, podemos afirmar que a toponímia constitui um fio condutor de grande utilidade multidisciplinar, comprovando que a natureza pluralista dos designativos de lugares podem dialogar teoricamente com várias correntes teóricas. Neste estudo, buscaremos um diálogo entre a onomástica e a sociolinguística quantitativa.

### **3.1. O signo toponímico**

Sabemos que o nome próprio é um fato da língua que não apenas identifica, mas também significa, por meio da investigação da motivação dos signos em função toponímica, é possível recuperar diversos aspectos da realidade de um grupo social.

O signo toponímico é um signo linguístico motivado pelas características físicas do ambiente ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador no ato de nomear lugares, geralmente usado como forma

de marco referencial de identidade. Assim sendo, os signos toponímicos “adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear. Uma vez que o léxico presente na língua de um dado grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia”. (MELO, 2012, p. 54)

Carvalhinhos (2009, p. 83) nos alerta a observarmos que esse signo “não é o lugar em si, mas uma de suas representações, carregando em sua estrutura sêmica elementos da língua, da cultura, da época de sua formação, enfim, do homem denominador”. Assim, ele “vai deixando de ser apenas um instrumento de marcação ou de identificação de lugares para se transformar em um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos” (DICK, 1996, p. 337)

O signo toponímico se caracteriza como o elemento linguístico comum que, revestido de função onomástica, integra um processo relacionante de motivação no qual se torna possível deduzir, muitas vezes, conexões hábeis entre o nome predominante dito e a área por ele designada. Funcionalmente, representa uma dupla marca linguística, exercendo não apenas um papel sígnico no universo do discurso, mas, também, funcionando como suporte de identificação, sendo símbolos ideológicos ou do imaginário popular que nos apontam direções, caminhos físicos ou posições situacionais.

O topônimo é o signo linguístico na função designativa de um espaço geográfico e/ou humano. Nessa função, segundo Dick (1980, p. 290), ele representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado”, assim adquirindo “um significado que resume toda a história das relações econômicas, políticas, sociais, materiais e espirituais dos homens que vivem ou viveram no meio denominado” (CAMPS IGLESIAS & NOROÑA VILÁ, [s/d], p. 11-12)

Sendo assim, os topônimos são signos linguísticos semelhantes aos demais nomes próprios pertencentes ao mesmo sistema, mas não têm as mesmas características; ou seja: não possuem, como outros, uma natureza arbitrária ou convencional. O topônimo é motivado e não arbitrário, isso, porém, não significa que há uma relação natural entre o nome e lugar por ele nomeado.

### **3.2. A mudança linguística no léxico onomástico-toponímico**

O léxico onomástico-toponímico pode ser compreendido como um indicador cultural, ele retrata o modo como a língua representa a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade. Logo, sua dinâmica renovação e/ou ampliação lexical “está condicionada a fatores externos e internos à língua. [...] uma língua está sempre recebendo força centrífuga e força centrípeta em sentidos opostos, não excludentes, mas complementares” (MELO, 2010, p. 118).

A partir das pesquisas toponomásticas, é possível observar o passado, recuperar formas antigas e estudar o presente, acompanhando o movimento linguístico do signo toponímico. Portanto, analisaremos os topônimos – enquanto vultos históricos – a partir das mudanças linguísticas relevantes à sucessão dos nomes atribuídos a cada município da microrregião de Arapiraca, desde o seu surgimento até os dias atuais.

Cumpre ressaltarmos que, neste artigo, compreendemos a mudança toponímica como um tipo particular de mudança linguística em nível do léxico. Dessa maneira, buscaremos fornecer respostas às questões ligadas aos fatores influenciadores e/ou condicionadores (internos e externos) e seu encaixamento no processo de mudança toponímica, detectando os principais tipos e suas causas, em diálogo com a teoria da variação e mudança linguística laboviana.

Na proposta teórica de Weinreich, Labov e Herzog (*apud* FARA-CO, 2006), a mudança linguística é vista como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais. Apesar de nem sempre ser percebida como produto social e cultural por seus falantes, a língua se evidencia por ser dinâmica, variável, complexa e instável. De certa forma, reflete as mudanças pelas quais a comunidade passa, e está, em decorrência disso, sempre em processo de construção, submetendo-se, continuamente, às alterações e influências de outras línguas.

Em nível onomástico-lexical, segundo Dauzat (1971), há dois tipos gerais de mudança toponímica: as substituições (troca de um topônimo por outro) e as transformações (alterações ocorridas no mesmo topônimo). Entre as primeiras, estão as espontâneas (naturais, fruto do uso popular), que se dão por eliminação do nome antigo por outro ou por mudança de língua; e as sistemáticas (aceitas ou impostas, fruto da imposição de autoridades ou de sugestão acatada pelas autoridades).

É importante destacarmos que só podemos considerar sistemática uma mudança toponímica quando há alguma fonte histórica que indique a intervenção do poder público como seu fator condicionante; quando isso não ocorre, consideramos a mudança toponímica como espontânea.

Já no segundo grupo, entre as transformações, o referido autor discrimina, ainda, as ocorridas no interior de uma mesma língua por mudança e/ou acidente fonético, alteração paronímica ou alteração meramente gráfica; das decorrentes da passagem do topônimo de um idioma para outro.

Com base em tais pressupostos, pretendemos investigar a mudança lexical dos topônimos nos quais se estabelecem uma conexão sociolinguística entre a cidade e o nome atribuído a ela, em que as partes formam um todo representativo, buscando relacioná-los aos atos onomásticos, especialmente aqueles ligados à microtoponímia municipal alagoana.

#### **4. Análise e resultados**

As análises dos dados seguiram as seguintes etapas: (i) Quantificação dos nomes e das taxionomias, analisando a maior ou menor frequência de classes ou itens lexicais e (ii) O estudo dos nomes a partir de um enfoque: a) Puramente linguístico (estudo dos aspectos etimológicos e morfossintáticos) e b) Linguístico-histórico e variacionista (relação entre a origem do nome e a história local e suas sucessivas mudanças ao longo do tempo).

Os topônimos serão apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas. Essas se revelam necessárias para a interpretação dos designativos, pois vários campos conceituais da ficha fornecerão informações relevantes sobre cada um dos nomes dos municípios estudados.

##### **4.1. A mudança linguística no léxico toponímico municipal alagoano da microrregião de Arapiraca**

###### **TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE CRAÍBAS**

**Topônimo:** Craíbas; **Taxionomia:** Fitotopônimo

**Etimologia:** O termo é de origem tupi *Carahyba* ou *karauatá* designa a árvore do ramo das bignoniáceas, muito comum na região. “planta bromeliácea”.



**Estrutura Morfológica:** elemento específico simples: morfema lexical *craib-* + morfema classificatório vogal temática *a* + morfema flexional aditivo *-s*

**Informações Enciclopédicas:** Em 1865, Manoel Nunes da Silva Santos chegou à região onde está hoje o município de Craíbas, sendo um dos seus primeiros habitantes. Apesar de ser uma área pobre, estabeleceu-se ali mesmo, adquirindo uma grande extensão de terras pertencentes a Felipe Nogueira de Lima, composta basicamente de matas e árvores, principalmente a craibeira, que acabaria dando nome à cidade. Até 1892, Manoel Nunes foi o único proprietário do lugar. Com o falecimento de sua esposa, Josefa Teixeira da Silva, neste mesmo ano, iniciou-se a partilha de bens entre filhos e genros. As terras foram divididas e incrementou-se, a partir daí, o desenvolvimento da localidade. No começo do século XX Craíbas passou a ter características de um povoado. O crescimento socioeconômico do povoado determinou a sua autonomia administrativa. Dessa forma, pela Lei nº 2.471, de 28 de agosto de 1962, obteve a sua emancipação política. Antes dessa data, o município era conhecido por Craíba dos Nunes, uma referência à família de pioneiros que se instalou no lugar. O deputado estadual José Pereira Lúcio foi o autor do projeto, aprovado na Assembleia Legislativa e sancionado pelo então governador Luiz Cavalcante. A instalação oficial do município ocorreu em 23 de setembro de 1962. Até a realização das eleições municipais, Antônio Barbosa foi nomeado prefeito, interinamente. Em 1963, Manoel Pedro da Silva foi eleito prefeito, mas perdeu o mandato em 1965, quando a cidade voltou a ser distrito de Arapiraca. Somente após um plebiscito, realizado em 1982, o então governador Theobaldo Barbosa devolveu a autonomia político-administrativa a Craíbas.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Cra%C3%ADbas#Etimologia](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Cra%C3%ADbas#Etimologia)

No caso desse elemento específico simples, ocorreu uma mudança por substituição sistemática de *Craíbas dos Nunes* > *Craíbas*. Antes a cidade recebeu o primeiro nome de forma espontânea, e, posteriormente, por imposição de autoridades (aprovação pela Assembleia Legislativa e sancionado pelo então governador Luiz Cavalcante), houve a redução sintagmática. Podemos dizer que houve uma substituição de um antropotônimo *Craíbas dos Nunes* para um fitotopônimo *Craíbas*.

Como fator condicionante, destacamos a questão extralinguística da emancipação político administrativa do povoado.

#### **TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE FEIRA GRANDE**

**Topônimo:** Feira Grande; **Taxionomia:** Dimensiotopônimo

**Etimologia:** composto latino: *feria,-arum* “dia de festa” + *grandis,-e* significa grande, de grandes proporções.

**Estrutura Morfológica:** elemento específico composto: morfema lexical *feir-* + morfema classificatório vogal temática *-a* + morfema lexical *grand-* + morfema classificatório vogal temática *-e*

**Informações Enciclopédicas:** Situado em posição estratégica para o comércio, pois fica próximo à estrada que liga Penedo à capital, sua feira semanal crescia a cada ano, passando a ser conhecida assim quando era vila e depois município, em 1954. Antes, no início de sua formação, era conhecida por Mocambo, devido ao ajuntamento de escravos fugidos da região sanfranciscana. A cidade deve, portanto, o seu topônimo ao fato de ter a maior feira entre as que se realizavam nos povoados e vilas das imediações. A primeira denominação do lugar, Mocambo, evoca a saga dos escravos nos quilombos, que foram a principal e mais bem organizada forma de resistência à escravidão no Brasil. Os quilombos eram aldeias ou comunidades de escravos que conseguiam escapar do cativeiro desumano e tentavam reconstituir sua original vida tribal livre. As comunidades quilombolas eram chamadas de mocambos, onde a população vivia num regime comunal. Embora o mais famoso quilombo tenha sido o de Palmares, eles existiram em diversas partes. Na verdade, enquanto durou a escravidão, houve resistência através de quilombos. Infelizmente não existem registros acerca desse ajuntamento de escravos, um possível quilombo ou simplesmente um mocambo, formado a partir de fugas das fazendas da área do São Francisco. Segundo os anais, Francisco José Gonçalves, procedente de Lagoa de Cima, município de Traipu, fixou residência na região, em data que não se pode precisar. Ele é considerado o pioneiro da colonização daquele território. A povoação iniciou-se com a chegada de outras famílias, atraídas pela fertilidade do solo. Em 30 de novembro de 1938, o povoado foi elevado à categoria de vila pelo Decreto-lei nº 2.435, com o nome de Mucambo, integrando o município de São Brás. A vila prosperou ainda mais com a construção do trecho ferroviário ligando Palmeira dos Índios a Porto Real do Colégio, em virtude do grande número de operários chegados para trabalhar na obra. Oficialmente, o nome Mucambo foi substituído por Feira Grande pelo Decreto-lei nº 2.902, de ano de 1943. A sua emancipação política se deu em 5 de abril de 1954 pela Lei nº 1.785. Desmembrado de São Brás, o município foi instalado pelo então governador Arnon de Mello, em 25 de abril de 1954.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Feira\\_Grande#Etimologia](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Feira_Grande#Etimologia)

Aqui, também, temos o mecanismo de substituição sistemática *Mucambo* > *Feira Grande*. Em termos toponomástico, houve uma troca de um ecotopônimo para um dimensiotopônimo. Interessante percebermos que ambos os topônimos se enquadram nas taxinomias de natureza física.

Quanto à estrutura morfossintática, houve a mudança de um elemento específico simples para elemento específico composto.

Como fator condicionante, destacamos a questão da emancipação político-administrativa que impôs a mudança do nome.

**FICHA TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE GIRAU DO PONCIANO**

**Topônimo:** Girau do Ponciano; **Taxionomia:** Antropotopônimo

**Etimologia:** composto de origem latina: *gyrus* “derivado de giro” significa tipo de armadilha para caça de animais + *do* (classe indeclinável) + de greg. *poncio*

**Estrutura Morfológica:** elemento composto híbrido: morfema lexical *gi-rau* + forma dependente *de* + *a* = *do* + morfema lexical *ponci-* + morfema derivacional *-ano*

**Informações Enciclopédicas:** Um dos primeiros proprietários do lugar chamava-se Ponciano. Para facilitar sua atividade de caçador construiu um girau, pequena armação de madeira onde ficavam os animais abatidos. Daí, o topônimo Girau do Ponciano. O povoamento se deve a um caçador de nome Ponciano que, acompanhado de dois companheiros, instalou um girau para suas caçadas, aproveitando a caça abundante. Assim se fundou a primeira propriedade. Anos depois, dona Cidade Rodrigues e seus filhos, Manoel e Antônio, implantaram nova propriedade. Trouxeram muito movimento para a região, dada a fertilidade de suas terras. Foi rápido o progresso de Belo Horizonte, primeiro nome do lugarejo. Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, figura no município de Traipu o distrito de Belo Horizonte. Pelo Decreto-lei estadual nº 2909, de 30 de dezembro de 1943, o distrito de Belo Horizonte passou a denominar-se Ponciano. Elevado à categoria de município com a denominação Girau do Ponciano pela Lei estadual nº 2101, de 15 de julho de 1958, desmembrado de Traipu. Sede no atual distrito de Girau Ponciano, ex-Ponciano, constituído do distrito sede. Instalado em 1º de janeiro de 1959.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Girau\\_do\\_Ponciano](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Girau_do_Ponciano)

Detectamos três momentos na mudança toponímica, no primeiro momento do corotopônimo *Belo Horizonte* > antropotopônimo *Ponciano*, por substituição sistemática. Na segunda proposta de mudança *Ponciano* > *Girau do Ponciano*, mais uma vez, por substituição sistemática, ou seja, por imposição de autoridades, licenciada pelo poder público.

Quanto à etimologia, temos um caso de elemento composto híbrido formado por base greco-latina.

Como fator condicionante, destacamos a questão da emancipação político-administrativa, que impôs a mudança do nome *Girau do Ponciano*.

**FICHA TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE SÃO SEBASTIÃO**

**Topônimo:** São Sebastião; **Taxionomia:** hagiotopônimo

**Etimologia:** composto latino: *sanus, -a, -um* significa “são, puro” + f. ampliada de *sebastós* : agosto, magnífico, venerável. Do latim: *sebastianus*.

**Estrutura Morfológica:** elemento específico composto: morfemas lexicais: *são* (forma proclítica apocopada de santo) + morfemas lexicais *Sebasti-* + morfema derivacional sufixal *-ão*.

**Informações Enciclopédicas:** Antes, o povoado era conhecido como Salomé, em referência fonética a dois produtos trazidos em abundância pelos tropeiros que por ali passavam: sal e mel. Era um ponto intermediário onde faziam parada mercadores que transitavam pela região, cansados das longas viagens. Surgiram, por isso, pequenas e modestas hospedarias para abrigar esses viajantes. O nome atual é uma homenagem a um santo de muita devoção no interior. Há um fato, contudo, pouco conhecido. Tomou esta denominação quando da sua elevação a município, por iniciativa dos líderes locais, que desejavam manifestar a gratidão da comunidade ao governador Sebastião Marinho Muniz Falcão, que apoiou integralmente o movimento de emancipação. O desmembramento do povoado do município de Igreja Nova. Em 31 de maio de 1960 ocorreu a emancipação política, através da Lei 2.229 e, em homenagem ao santo e ao governador da época Sebastião Muniz Falcão, foi dado ao povoado de Salomé o nome de São Sebastião.

**Fonte:**

[www.wikialagoas.al.org.br/index.php/S%C3%A3o\\_Sebasti%C3%A3o](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/S%C3%A3o_Sebasti%C3%A3o)

Caso de mudança por substituição sistemática: *Salomé* > *São Sebastião*. No que diz respeito à estrutura morfossintática, houve uma mudança de um elemento específico simples para um composto.

O topônimo atual tem dupla motivação, isto é, sua origem na devoção dos habitantes pelo seu santo padroeiro, São Sebastião, e uma forma de homenagear o ilustre Sebastião Falcão, governador da época.

Atestando, assim, como fatores condicionantes nesta mudança toponímica, podemos apontar que identificamos a correlação de dois fatores extralinguísticos condicionadores na escolha do hagiotopônimo que designa esta cidade alagoana, o aspecto religioso representado pela devoção ao santo e o traço político refletido na homenagem ao governador em exercício na época.

**FICHA TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE TAQUARANA**

**Topônimo:** Taquarana; **Taxionomia:** Fitotopônimo

**Etimologia:** O termo é de origem tupi – *ta'kwara* designa uma planta chamada pelos índios de cana brava, oca por dentro. Trata-se de um bambu da família das gramíneas. Segundo Tibiriçá (1985) de *tacuí-rana* planta que se parece com a taquara, falsa taquara (bambu).

**Estrutura Morfológica:** elemento específico simples: morfema lexical *ta-quaran-* + morfema classificatório vogal temática *a*.

**Informações Enciclopédicas:** O município de Taquarana teve seu território desmembrado de Limoeiro de Anadia no dia 24 de agosto de 1962, marcado por uma história que começou ainda em meados do século XVIII, partindo de uma fazenda de gado denominada de Cana Brava, pertencente à família Correia Paes. Ao instalar a fazenda Canabrava – com a criação de gado e diversificadas lavouras – em 1750, atraídos pelas belezas naturais do lugar e pela abundância de água, a família Correias Paes, proveniente do estado de Pernambuco, deu origem ao atual município de Taquarana, que até sua emancipação era conhecido por Canabrava dos Paes. Como na maioria dos municípios alagoanos, o povoado se expandiu a partir de 1821, com a construção da matriz de Santa Cruz, num local já afastado da fazenda. Ponto de passagem obrigatório – pela estratégica posição de proximidade com a estrada que ligava o Sertão à capital – alcançou o progresso rapidamente. Em 1938, foi elevada à condição de vila, ainda pertencendo a Limoeiro de Anadia. A autonomia administrativa, porém, só veio em agosto de 1962, através da Lei 2.465, que também alterou o nome da cidade de Cana Brava dos Paes para Taquarana, por sugestão de D. Rômulo de Farias, arcebispo de Maceió.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Taquarana](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Taquarana)

Como podemos observar na ficha lexicográfica-toponímica o fitotopônimo *Taquarana* do étimo tupi, significando “cana brava” substitui o antigo antropotopônimo *Cana Brava dos Paes*, mas, com o mesmo significado, retirando apenas o nome próprio individual *Paes*.

A influência da religião no território alagoano é marcante, sobretudo a Católica Apostólica Romana. Daí, fica evidente, neste caso de mudança toponímica como fator condicionante à materialização do discurso religioso na língua por meio do bispo, Dom Rômulo de Farias, que sugeriu o atual topônimo.

Quanto à estrutura morfossintática, temos a passagem de um elemento específico composto para um elemento específico simples.

**FICHA TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE COITÉ DO NOÍIA**

**Topônimo:** Coité do Noia; **Taxionomia:** Antropotopônimo

**Etimologia:** Composto de origem indígena tupi: *kuieté* “*cuia feita de coco cortado ao meio*”

**Estrutura Morfológica:** elemento composto híbrido: morfema lexical *Coite* (nome atemático) + forma dependente *de + o = do +* morfema lexical *noi-* + morfema classificatório vogal temática *-a*

**Informações Enciclopédicas:** Os pioneiros do lugar pertenciam à família Noia e lá havia pequenas árvores, que dão o fruto chamado coité, o qual, aberto ao meio, é usado como cuia para beber água, medir farinha ou outros cereais. O povo colhia os frutos na propriedade dos Noias, popularizando assim a localidade com tal denominação. A colonização das terras do atual município de Coité do Noia associa-se à história de Limoeiro de Anadia e Arapiraca. A família Noia, pioneira daquela região, era proprietária das primeiras quatro casas que lá existiam, pelos idos de 1880, conforme depoimento do mais antigo morador da cidade. Manoel Jô da Costa, oriundo de Limoeiro de Anadia, fixou-se naquela área pouco tempo depois, dedicando-se à agricultura e à atividade pastoril. O local se ligava a Limoeiro de Anadia e a Arapiraca por diversas veredas pequenas. Em razão da enorme quantidade daquelas árvores, o núcleo que começava a se formar recebeu o nome de Coité. Com o passar do tempo e a chegada de famílias procedentes de outros municípios, a comunidade foi aumentando. Desse modo, Manoel Marques, de Pernambuco, Manoel Cazuza, de Arapiraca, bem como as famílias Bernardino e Virgem, juntaram-se aos primeiros moradores do lugarejo, que tomou forma de povoado. Um intercâmbio maior entre o povoado e as cidades vizinhas, proporcionado pela abertura de novas estradas, contribuiu decisivamente para que Coité do Noia passasse a ocupar lugar de destaque na região. Tal fato determinou a sua elevação à categoria de município autônomo, através da Lei nº 2.616, datada de 21 de agosto de 1963. Desmembrado de Limoeiro de Anadia, teve sua instalação oficial em 24 de setembro de 1963.

**Fonte:** [http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Coité do Noia#Etimologia](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Coité_do_Noia#Etimologia)

Mais um caso de mudança por substituição sistemática: *Coité* > *Coité do Noia*. No que diz respeito à estrutura morfossintática, houve uma mudança de um elemento específico simples para um composto.

Como fator condicionante, destacamos a questão da emancipação político-administrativa que impôs a mudança do nome *Coité do Noia* pelo acréscimo do antropotopônimo.

No léxico toponímico, essa relação linguístico e extralinguístico fica evidente quando registramos os antropotopônimos, sejam prenomes ou apelidos de família, explicando sua origem, evolução e variação em

função de local, época e costumes, homenageando figuras consideradas de destaque das localidades nomeadas.

Podemos afirmar que estas marcas extralinguísticas são relevantes para a denominação do lugar, ou sua mudança, mostrando que a língua é um mecanismo muito importante na divulgação de aspectos socioculturais de uma determinada região. Observando que o ambiente físico e o sociocultural se complementam.

#### **4.2. Topônimos municipais alagoanos da microrregião de Arapiraca que não apresentaram mudança linguística**

No léxico onomástico-toponímico municipal alagoano, em relação à variação e mudança dos topônimos da microrregião de Arapiraca, detectamos que não registramos mudanças toponímicas, sejam por substituição ou transformação nos seguintes designativos: (1) Arapiraca, (2) Campo Grande, (3) Lagoa da Canoa, (4) Limoeiro de Anadia e (5) São Brás.

Esses topônimos se mantêm na referência onomástica sem alterações formais e semânticas desde a iniciação dos povoamentos até sua emancipação.

##### **TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE ARAPIRACA**

**Topônimo:** Arapiraca; **Taxionomia:** Fitotopônimo

**Etimologia:** O termo é de origem tupi *arapi`raka*: *ara* quer dizer periquito (ou arara, de acordo com outros); *pira* pode ser traduzido como pausa; e *aca* significa ramo de árvore. Trata-se de uma espécie de angico branco, da família das mimosáceas, muito comum no agreste e no sertão, e que o povo, à sua maneira denomina de Arapiraca.

**Estrutura Morfológica:** elemento específico simples: morfema lexical *arapirac-* + morfema classificatório vogal temática *a*.

**Informações Enciclopédicas:** As terras onde hoje se situa Arapiraca pertenciam a Marinho Falcão, que as vendeu ao Capitão Amaro da Silva Valente de Macedo. No ano de 1848, o Capitão Amaro Valente enviou o genro Manoel André Correia dos Santos, juntamente com a família, àquela localidade, em virtude de uma séria contenda entre Manoel André e o cunhado, José Ferreira de Macedo. Após longos dias de trabalhos e perigos, o pioneiro alcançou uma planície onde resolveu parar. Fez acampamento embaixo de uma frondosa arapiraca e aí permaneceu vários dias. À sombra da árvore, levantou uma cabana de madeira coberta com cascas de angico, onde passou os primeiros dias, enquanto construía a primeira casa numa distância de aproximadamente cem metros, que

serviu de habitação para sua família. Desde esta época, Arapiraca conservou seu nome. Em seus primórdios, como distrito, Arapiraca esteve sob a jurisdição, sucessivamente, de Penedo, Porto Real do Colégio, São Brás e Limoeiro de Anadia. Como município independente, constituiu-se de território desmembrado de Palmeira dos Índios, Porto Real do Colégio, São Brás, Traipu e Limoeiro de Anadia. Pelo Decreto nº 1.071, de 24 de outubro de 1924, passou a pertencer à comarca de Palmeira dos Índios. Em 1931, passou à jurisdição da comarca de Anadia. Em 17 de setembro de 1949, finalmente, Arapiraca foi elevada à categoria de comarca.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Arapiraca](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Arapiraca)

### **FICHA TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE CAMPO GRANDE**

**Topônimo:** Campo Grande; **Taxionomia:** Dimensiotopônimo

**Etimologia:** composto latino: *campus*, -i, significa planície, terreno plano+ *grandis*, -e significa grande, de grandes proporções.

**Estrutura Morfológica:** elemento específico composto: morfema lexical *camp*- + morfema classificatório vogal temática -o + morfema lexical *grand*- + morfema classificatório vogal temática -e

**Informações Enciclopédicas:** É um município ainda jovem, surgido no início da década de 60, que teve o nome escolhido pelos que lutavam por sua criação. Consta que o topônimo é uma referência à planície onde está situado, repleta de campos de grandes proporções, ideal para a pecuária e a agricultura. O município de Campo Grande tem o seu surgimento assinalado por volta de 1800, quando os primeiros colonizadores por lá chegaram. A criação de gado e de ovelhas, garantida por boas pastagens da planície, fez com que fossem se aglomerando algumas casas e pequenos sítios. A construção da estrada de ferro foi um fator que contribuiu para impulsionar o desenvolvimento do núcleo populacional. Em 1939, com a chegada dos trabalhadores para as obras da ferrovia e a implantação do acampamento, cresceu o movimento comercial do lugar. As famílias Leandro, Mandus e Pinheiro foram líderes e pioneiras do comércio naquele povoado. Comerciantes de várias regiões foram atraídos por essa pequena feira e grande foi o progresso da localidade. O movimento pela emancipação política começou a dar passos largos, Enfim, o município foi criado, desmembrando-se de São Brás, pela Lei nº 2.230, de 31 de maio de 1960, e instalado em 14 de agosto de 1960.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Campo\\_Grande#Etimologia](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Campo_Grande#Etimologia)



### LEXICOGRÁFICA DE LAGOA DA CANOA

**Topônimo:** Lagoa da Canoa; **Taxionomia:** Ergotopônimo

**Etimologia:** composto latino: *lacus, -us* significa “lago, fonte” + *canaua*, canoa.

**Estrutura Morfológica:** elemento específico composto: morfema lexical *lago* + morfema classificatório vocal temática *-a* + forma dependente *de + a = da* + morfema lexical *cano* + morfema classificatório vocal temática *-a*

**Informações Enciclopédicas:** Distrito de Arapiraca antes de sua promoção a município, o lugar foi se desenvolvendo a partir de uma lagoa que atendia à agricultura e à pesca praticadas por seus primeiros habitantes. Como estes costumavam pescar de canoa na lagoa, o local passou a ser chamado de Lagoa da Canoa. Em épocas remotas, existia apenas a pequena lagoa na área onde foi edificada a cidade. Em 1842, dois casais – cujos nomes não constam nos anais – chegaram à região, construíram casas e implementaram a agricultura e a pecuária. Parte daí a colonização do território. Algum tempo depois, outras famílias também começaram a se instalar na localidade. Com a criação do município de Arapiraca, Lagoa da Canoa passou a integrá-lo na condição de povoado, mas com grande importância no contexto econômico, social e político. As fazendas de café trouxeram emprego e renda. Além disso, servia como ponto de apoio na estrada que ligava Arapiraca a Traipu e Girau do Ponciano. A sua evolução crescente culminou na elevação à categoria de município autônomo, em 28 de agosto de 1962, através da Lei nº 2.472. Desmembrado de Arapiraca, o novo município foi instalado oficialmente em 25 de janeiro de 1963. Logo após a emancipação, José Barbosa Ramos foi nomeado interinamente prefeito, para o período de 1962 a 1963. O primeiro prefeito eleito do município foi Antônio Francisco dos Santos, que governou de 1963 a 1969.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/lagoa\\_da\\_canoa#Etimologia](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/lagoa_da_canoa#Etimologia)

### FICHA TOPONÍMICA-LEXICOGRÁFICA DE LIMOEIRO DE ANADIA

**Topônimo:** Limoeiro de Anadia; **Taxionomia:** Fitotopônimo

**Etimologia:** composto de origem latina: *limon, -onis*, “planta da família das rutáceas + *anna + dies*”.

**Estrutura Morfológica:** elemento específico composto de morfema lexical *lim-* + morfema classificatório vogal temática *-o* + morfema derivacional *-eiro*, forma dependente *de + morfema lexical an-* + morfema classificatório vogal temática *-a* + morfema lexical *di-* + morfema classificatório vogal temática *-a*

**Informações Enciclopédicas:** A tradição atribui o nome aos muitos limoeiros cultivados pelos primeiros colonizadores naquela área do Agreste. Inici-

almente, Antônio Rodrigues da Silva, dono de uma fazenda de gado, foi o primeiro proprietário da região. Segundo a tradição popular, havia um frondoso limoeiro naquele lugar onde costumavam descansar os caçadores que exploravam as matas. Afirma-se, principalmente, que foi encontrado um pé de limão ao lado da capela erguida em 1798 por Antônio Rodrigues. A referida capela estava sob a dupla invocação de Santa Cruz e de Nossa Senhora da Conceição do Limoeiro, por causa do pé de limão. Assim, em torno da capela e do limoeiro desenvolveu-se o povoado que, em razão de haver pertencido ao município de Anadia, ficou conhecido como Limoeiro de Anadia. Em 31 de maio de 1882, Limoeiro foi elevado à condição de Vila independente, pela Lei nº 866. Desmembrada de Anadia, teve a sua instalação oficial em 8 de janeiro de 1883. Fez parte da comarca das Alagoas (Marechal Deodoro) até 1883, quando passou a de Penedo, então criada juntamente com Anadia. Em 1938, passou a integrar a comarca de Anadia, criada nessa época. Finalmente foi elevada à categoria de comarca pela Lei nº 1.674, de 11 de novembro de 1952.

**Fonte:** [www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Limoeiro\\_de\\_Anadia#Etimologia](http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Limoeiro_de_Anadia#Etimologia)

## 5. *Considerações finais*

Neste artigo, procuramos conhecer melhor o processo de transformação pelo qual passou a estrutura sociopolítica do município desde sua criação aos dias de hoje, observando as mudanças identificadas que ficaram registradas nos nomes que foram conferidos às cidades que constituem a microrregião de Arapiraca, demonstrando assim, que uma sociedade não é desvinculada da realidade em nível local.

No fenômeno linguístico de mudança toponímica, podemos destacar que dos 10 (dez) topônimos municipais aqui analisados, 6 (seis) topônimos apresentaram mudança em sua constituição por substituição sistemática e 4 (quatro) se mantiveram sem alterações. Sinalizando que houve uma tendência à mudança uma vez que 60 % do total do léxico estudado foi transformado ao longo do tempo.

É importante enfatizar que não registramos caso de mudanças por substituição espontânea, nem por transformações ou alterações no próprio topônimo. Sendo assim, o mecanismo de substituição sistemática se revelou o mais produtivo nesse processo de mudança linguística no léxico onomástico-toponímico municipal alagoano.

Como fatores condicionantes/motivadores à dinâmica da mudança, destacamos a questão da emancipação político-administrativa das localidades e presença marcante da Igreja, revelando a presença da fé e da crença, tradicionalmente católica, determinando as mudanças toponímicas.

Esses traços sociais condicionaram mudanças sistemáticas e estabelecidas por lei, normalmente sem consulta prévia à população dos municípios nomeados e a ela impostos pelas autoridades interessadas. Essa característica é bastante comum na toponímia.

Esses traços sociais ficam expressos em homenagens a figuras representativas que detêm o poder, geralmente integrantes da classe dominante, enquanto fonte motivacional recorrente na toponímia municipal de Alagoas ao longo da história, exercendo, desta maneira, uma forte influência na vida e na identidade da população de cada município desta microrregião

Quanto à estrutura morfossintática, os topônimos analisados apresentaram os três tipos de formas, a saber: 3 (três) elementos específicos simples: *Craíbas*, *Taquarana* e *Arapiraca*; 5 (cinco) elementos específicos compostos: *Feira Grande*, *Campo Grande*, *São Sebastião*, *Limoeiro de Anadia* e *Lagoa da Canoa* e; 2 (dois) elementos compostos híbridos: *Girau do Ponciano* e *Coité do Noia*. De acordo com os dados aqui analisados, podemos afirmar que a estrutura formada por elementos específicos compostos se revelou a mais produtiva lexicalmente.

Quanto à etimologia, podemos destacar que o étimo latino se revelou o mais produtivo na constituição das bases lexicais dos topônimos aqui analisados, cumpre ressaltarmos que, levando em consideração que um topônimo recebe influências internas e externas que podem ser únicas ou combinadas, apesar da existência dos povos indígenas na microrregião em foco, encontramos um número, relativamente baixo, de designativos de origem indígena, apenas 3 (três) topônimos de étimo tupi: *Craíbas*, *Taquarana* e *Arapiraca* e 1 (um) híbrido com base tupi: *Coité do Noia*, o que nos surpreendeu, pois esperávamos encontrar um índice maior nessa categoria.

Quanto à referência onomástica, compreendendo que no ato de nomear lugares esse nome pode ser dado por diversas motivações toponímicas, detectamos entre elas motivos políticos, religiosos, relativos à vegetação, à dimensão dos acidentes geográficos. Todavia, os resultados obtidos por meio da pesquisa mostraram a predominância dos nomes de natureza física, assim, ao escolher um nome o homem procurou retratar o que tinha de mais valioso no local. Na região do agreste alagoano, o estudo demonstrou a valorização dessa motivação toponímica em especial as espécies vegetações nativas da microrregião de Arapiraca o que consideramos uma tendência geral da toponímia brasileira.

É relevante percebermos que não importa qual o motivo na época da nomeação, mas a partir dela verificou-se que o nome de um lugar o torna único, o individualiza, o coloca no mapa, o nome não só representa um significado histórico, mas representa aspectos linguísticos, cultura, história, crença, os ideais daqueles que o habitam.

Finalizamos destacando que o estudo do léxico toponímico consiste em uma área e indagação linguística muito ampla, tornando este trabalho limitado na forma como aborda o assunto proposto, longe do ideal, mas que traduz o esforço do pesquisador com os problemas atinentes à toponímia alagoana, deixando para outro momento, perspectivas outras de investigação com maior aprofundamento de análises dos fenômenos toponomásticos.

Logo, ficam em aberto possibilidades para inquirições complementares, tendo em vista que é sempre possível a realização de análises mais exaustivas dos fenômenos linguísticos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 31-04-2014.

CARVALHINHOS, P. J. Interface onomástica/literatura: a toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra de memórias da rua do ouvidor de Joaquim Manuel de Macedo. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CIFE-FIL, v. 12, n. 10, p. 83-99, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/10/09.pdf>>.

DAUZAT, Albert. *Le noms de lieux: Origeneet évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DAUZAT, Albert. *Le noms de lieux*. Paris: Payot, 1971.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos*. 1980. – Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

\_\_\_\_\_. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Acta Semiotica et Linguis-*

*tica*, vol. 6, p. 27-44, 1996. São Paulo: SBPL.

DORION, Henri. Les relations entre la toponymie et les autres sciences sociales. *450 ans de noms de lieux française en Amérique du Nord*. Québec: Les Publications du Québec, 1984, p. 103-108.

CAMPS IGLESIAS, Alina; NOROÑA VILÁ, María Teresa. Aproximación al estudio de la toponimia cubana. *La Habana: Academia de Ciencias de Cuba, Instituto de Literatura y Lingüística*, [s/d]

MELO, P. A. G. de. A formação neológica em textos jornalísticos escritos em língua portuguesa contemporânea no estado de Alagoas na última década do século XX. *Littera online*. Maranhão: UFMA, n. 2, v. I, p. 101-122, 2010. Disponível em:

<<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/301/229>>.

\_\_\_\_\_. Uma interface linguocultural: um estudo onomástico em topônimos da microrregião alagoana do Sertão do São Francisco. *Memento*, UNINCOR, Minas Gerais, v. 3, n. 1, jan.-jul. 2012.

SOUSA, A. M. de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos*. 2007. – Tese (de doutorado). Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza.

TAVARES, Marineide Cassuci; ISQUERDO, Aparecida Negri. A questão da estrutura morfológica dos topônimos: um estudo na toponímia sul-mato-grossense. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 9/2, p. 273-288, dez. 2006. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3956/3160>>.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, 2006.